

# Entendendo a Identidade de Gênero-II

Por Wal Torres, Ph.D.

Copyright © 2007, Gendercare.com

Abstract/Resumo:

*Dividimos este estudo em partes:*

*1. Pontos de Princípio;*

*2. Numeno, Fenômenos e Observador;*

*3. Atenção, Percepção e formação de um AGORA;*

*4. Imprevisibilidade individual – probabilidade coletiva.*

*5. Porque apesar de toda essa complexidade, pode-se avaliar variâncias de gênero pela Web.*

*Assim esperamos completar este ciclo de demonstrações sobre o background teórico que consideramos para desenvolver nosso método de avaliações precisas, rápidas e seguras de variantes de gênero pela Web.*

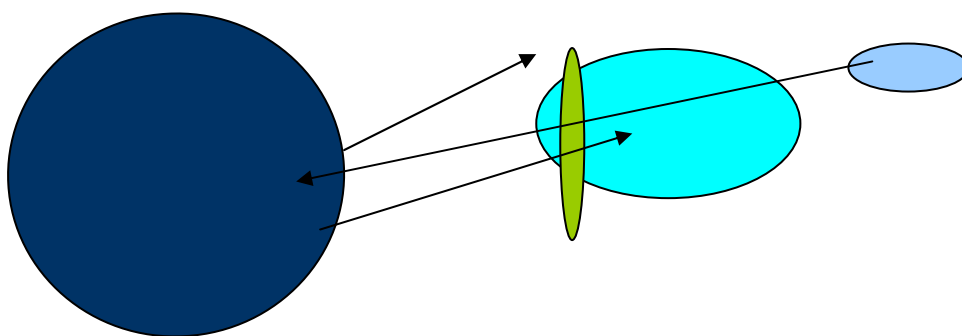
*O background é muito complexo, mas o método desenvolvido é relativamente simples.*

## 1. Pontos de Princípio.

- Vamos definir como NÚMENO o universo físico e concreto no qual nos inserimos.
- Não conhecemos esse universo.
- Quantas dimensões de espaço o NÚMENO tem? E nele o que é o tempo? Existe nele o tempo? Ou nele o que percebemos como tempo tem outro sentido? Poderia o tempo ser uma interface? O que seria nele o que entendemos como Big Bang? Haveria nele um antes do Big Bang?
- Não sabemos, e jamais saberemos.
- Uma bactéria, como o planeta Terra ou um ser humano, ou mesmo buracos negros e galáxias fazem parte do NÚMENO, vivem e existem no NÚMENO. A bactéria se relaciona com o NÚMENO através de seu sistema de sensores pré-sensores nervosos, com base química. Esses sensores captam informações do NÚMENO e geram “imagens dispositivas” - um UNIVERSO VIRTUAL PARALELO BACTERIANO DE FENÔMENOS – um universo coletivo, percebido pelos que são semelhantes – que têm semelhantes sistemas de recepção e processamento de informações.
- Como existe um universo bacteriano de fenômenos, existe um universo paralelo virtual fenomenal para cada espécie ou grupos de espécies, inclusive um UNIVERSO PARALELO VIRTUAL HUMANO DE FENÔMENOS – o que temos por hábito considerar como “realidade”.
- O universo humano de fenômenos não é o único nem necessariamente o mais completo, mas certamente entre as espécies que conhecemos é o mais complexo.
- Da complexidade do NUMENO nada podemos conhecer. Como as espécies com a evolução se adaptam através de complexações, os universos fenomenais tendem a se mostrar mais e mais complexos, não só devido às prováveis complexidades do NUMENO, mas também à maior complexidade dos sistemas de percepção das espécies.
- Nossas PERCEPÇÕES montam em nosso cérebro, esse universo humano de fenômenos, com base nas percepções humanas. Como nossos sistemas nervosos individuais são reproduções de um modelo

(genético) que se reproduz (replica), esse universo fenomenal humano se reproduz coletivamente em toda a espécie.

- Existem então tantos UNIVERSOS DE FENÔMENOS quantas sejam as espécies animais e vegetais – pois todas, à sua maneira, percebem o meio NUMÊNICO em que estão inseridas, gerando em si “imagens dispositivas” próprias para suas espécies.
- O espaço humano de fenômenos existe em 3 dimensões de espaço e uma de tempo (considerando correto o espaço-tempo conhecido da teoria dos Campos Quânticos e da Relatividade Ampla) – ou em 9 de espaço e uma de tempo (considerando a teoria das Supercordas) – dependendo de nossa capacidade de percepção e de compreensão do NÚMENO.
- Cada indivíduo de cada espécie sintetiza um UNIVERSO MENTAL INDIVIDUAL, que gera um eu como um Observador. Cada Observador vive esse eu como subjetividade num Agora.
- Cada universo mental sintetiza um eu, e cada eu atua no NÚMENO como OBSERVADOR e como AGENTE numa percepção sentida como um AGORA – através da mediação dos universos fenomenais.
- Todos esses universos estão em contínua relação e interação. Intra-indivíduos, e intra-espécies.



**Na figura, vemos o NÚMENO (azul mais escuro) como Universo.**

Da percepção do NÚMENO são gerados os universos Fenomênicos, por exemplo o **Azul – Humano** e o **Verde- de Elefantes**. Como os elefantes percebem coisas que não percebemos – o infra-som por exemplo, eles percebem o que percebemos (a intersecção dos dois conjuntos) e coisas que não percebemos (onde não há intersecção).

Por outro lado percebemos muitas coisas que os elefantes não percebem.

Os Universos de Fenômenos não atuam no NÚMENO – eles apenas são uma imagem do NÚMENO – que se forma ou mesmo se constrói para cada espécie ou grupos de espécies. Essas imagens se formam nos cérebros como imagens dispositivas, que se fazem comuns pela replicação sistemática e genética de sistemas e pela linguagem – pela comunicação entre os indivíduos da espécie tanto no sentido longitudinal (replicação genética) como no transversal (linguagem).

Quem atua no NÚMENO é o indivíduo de cada espécie, como Observador ou eu. **A elipse azul menor representa um indivíduo humano no seu universo mental individual humano.** Se percebendo no universo dos fenômenos humanos, ele atua no NÚMENO e sua atuação é percebida em todos os universos fenomenais.

Assim estão sempre em relação as três realidades – numenal, fenomenal e mental individual (o observador, o “consciente”).

Como observador consciente, cada um de acordo com sua espécie, são todos os agentes – aqueles que observam e atuam no NÚMENO – se percebendo num agora.

## 2. Numeno, Fenômeno e Observador

### Do Universo do NÚMENO

Nada podemos dizer.  
Nada sabemos.

Apenas sabemos que, se nosso universo fenomenal humano demonstrar existir em 10 dimensões – uma de tempo e 9 de espaço, o NÚMENO deverá ter essas dimensões OU MAIS.

Nada mais podemos dizer sobre ele.

Só podemos dizer do que podemos perceber dele, no NOSSO UNIVERSO COLETIVO DE FENÔMENOS HUMANOS que percebemos e sintetizamos em nossos cérebros.

Um aspecto que percebemos do NÚMENO é que ele provavelmente deve ser descontínuo – conforme o que pode perceber Planck estudando o NÚMENO através da mediação do universo humano de fenômenos. Mas essa descontinuidade percebida nos fenômenos advem de uma descontinuidade “em si” do NÚMENO, ou de nossa limitação em percebê-lo?

## Dos UNIVERSOS FENOMENAIS

Eles são inúmeros. Incontáveis.

Não podemos saber quantos são.

São com certeza sempre em relação com o Númeno e entre si.

Cada universo fenomenal se sintetiza nos cérebros – ou nos sistemas pré-cerebrais em vegetais e animais simples e unicelulares.

O que define a possibilidade do universo fenomenal é o cérebro da espécie – ele existe nesse cérebro, em relação com o Númeno e com o cérebro – pois o cérebro existe no Númeno – como todo corpo existe no Númeno.

Tudo o que vemos, sentimos, percebemos, constrói o universo fenomenal de nossa espécie. Toda nossa ciência, das supercordas à matemática, nas ciências exatas, sociais, biológicas e humanas, se dá no nosso universo de fenômenos – com base nas informações percebidas e sintetizadas como imagens dispositivas mentais (tornadas coletivas pela similaridade das estruturas replicadas geneticamente de geração em geração) – e de nossa intercomunicação como linguagem – em sentido amplo.

Captamos sinais do Númeno e sintetizamos imagens dispositivas, de forma DESCONTÍNUA. Essa descontinuidade captada e sintetizada não sabemos como se refere com relação ao NÚMENO, se a uma descontinuidade havida ou se apenas percebida.

Essa descontinuidade gera em nós uma descontinuidade ontológica – em nosso universo fenomenal, tudo é descontínuo, mesmo que percebido como contínuo, como num cinema. O que faz com que percebamos como contínuos imagens mentais e pensamentos como uma película cinematográfica é a velocidade com que são sintetizadas as imagens dispositivas – a velocidade criativa de nosso cérebro gera a impressão da continuidade a partir de uma realidade descontínua.

Quando Einstein, de Broglie e Bohm, discutem a realidade de partículas na dualidade onda-partícula com Bohr, Born e Heisenberg, eles o fazem no universo dos fenômenos – ondas e partículas existem como percepções mentais apenas – no universo dos Númenos não fazemos idéia o que são. Percebemos a matéria como material – pelo tato. O tato não passa de um fenômeno que se dá no contato de campos eletromagnéticos. Percebemos a matéria em escala macro como algo compacto quando sólido, fluido quando líquido e evanescente quando gasoso. Sabemos que os fenômenos que

percebemos como matéria em escala microscópica se mostram constituídos de ondas e/ou partículas.

As dimensões do espaço na teoria das supercordas existem – se existirem realmente – no universo dos fenômenos e não do Númeno – no Númeno podem existir incognoscíveis dimensões.

Por outro lado, esses inúmeros universos mentais e virtuais paralelos se superpõem e vivem em relação com o Númeno e entre si.

O universo do elefante é diferente do humano, mas no que se interceptam, vivem em relação. São percepções sob diferentes pontos de vista de um mesmo Numeno. Em muitas coisas os universos fenomenais de diferentes espécies não se interceptam. Eles percebem o infra-som, nós não percebemos. Nós percebemos a matemática, eles não a percebem. Mas ambos nos percebemos mutuamente à nossa maneira e percebemos as árvores entre nós, cada um a sua maneira.

Cada espécie percebe à partir de seu contato com o Númeno – devido a sua estrutura orgânica própria e limitada – seu próprio universo fenomenal.

Dentro das espécies, cada organismo percebe a si mesmo e percebe os outros e o seu universo gerando um universo mental virtual próprio – o seu universo individual.

A figura a seguir mostra o espectro de frequências das ondas eletromagnéticas, desde os raios gama que não percebemos até as ondas longas que também não percebemos.

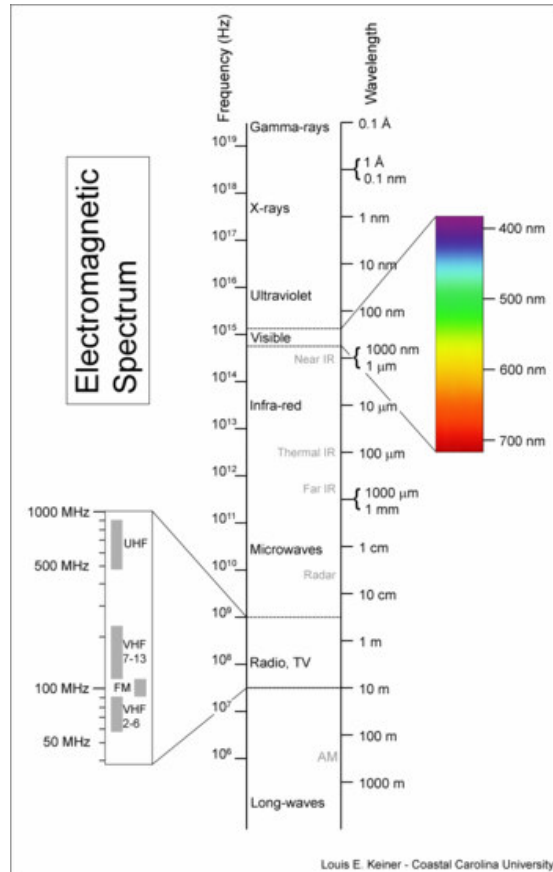
Na realidade, o espectro de frequências visíveis aos olhos humanos é mínimo. Temos nossas limitações sensoriais – que são enormes. Cada espécie tem enormes limitações sensoriais que interferem na forma como podem sintetizar seu universo fenomenal.

Descobrimos com nosso raciocínio, indiretamente em nosso universo fenomenal, o que existe sem percebermos – mesmo que não saibamos jamais até que limite somos inteligentes o suficiente para descobrir o que não percebemos sensorialmente. Aprendemos muito, mas muito modernamente.

Ondas de rádio, na Idade Média, mandariam alguém para a fogueira por feitiçaria, imediatamente. Uma chapa de raios X também.

Para nós só existe o que podemos perceber – ou deduzir, pois somos primatas muito espertinhos.

As outras espécies conhecidas praticamente não deduzem, só percebem – e intuem. Com certeza muitas delas têm sensibilidades que não temos – no olfato, na audição, na percepção do infra-som como os elefantes e baleias.





## O Observador - Universo Mental Individual

Cada indivíduo cria em sua mente – mesmo que seja uma bactéria – seu universo.

Cada indivíduo é um universo paralelo aos dos fenômenos e ao Númeno.

O que caracteriza esse universo?

A intrínseca capacidade de OBSERVAÇÃO.

A capacidade de observação gera a sensação de subjetividade.

O ser individual é aquele que observa, o que sintetiza em si a capacidade de SUBJETIVAR.

**O Observador observa subjetivamente o Númeno, e vê o fenômeno.**

**Ele querendo atuar no fenômeno que percebe, atua no Númeno que radicalmente desconhece.**

Em outras palavras, toda ação se dá entre Númeno e Observador – mas essa relação para ser eficiente tem que se valer e usar da **mediação dos universos fenomenais**.

Os universos fenomenais são coletivos – eles ajudam os indivíduos a poderem perceber e compreender o Númeno, e atuar nele.

Os organismos vivem no Númeno e se percebem em seu universo mental pessoal e individual, vivendo no universo fenomenal percebido por sua espécie.

## O Universo Fenomenal Humano e sua ciência.

Tudo o que é humano – mesmo em ciência - se dá na relação do Númeno com o Universo Fenomenal Humano através de Observadores.

Conhecemos o que podemos conhecer e como podemos conhecer do Númeno pelos Fenômenos.

Os Fenômenos se formam como imagens dispositivas no cérebro – e essas imagens dependem de nosso sistema sensorial e de nossos sistemas que integram as informações percebidas.

Por exemplo, pelos sentidos internos e externos geramos imagens dispositivas internas e externas.

A integração das imagens internas constroi o bem ou o mal estar. Quando nossa atenção não se fixa num sistema interno – se o sistema interno passa despercebido no inconsciente – isso significa que estamos nos sentindo bem.

Eu só percebo que tenho rins quando meu rim esquerdo dói. O direito não existe, ele não dói, ele nunca chama minha atenção. Essa integração define a sensação de bem ou mal estar.

As imagens externas e a integração dessas imagens geram nosso universo fenomenal humano – primeiro em nossos cérebros e depois, pela comunicação, de forma coletiva. Esse universo se transmite pela reprodução (replicação genética gerando semelhantes), e pela comunicação entre indivíduos.

No nosso universo fenomenal temos nossos laboratórios, famílias, trabalho. Nele geramos nosso conhecimento, construímos uma memória, uma história.

Aqui nos percebemos e vivemos.

Mas na realidade esse universo é mental, de imagens coletadas, sintetizadas e guardadas no sistema nervoso. Como nosso sistema nervoso humano se equivale a cada indivíduo, nele se sobrepõem nossas imagens mentais formando um universo fenomenal coletivo.

As imagens dispositivas se formam em todos os cérebros, mas se relacionam de tal forma que todos os cérebros de uma espécie percebem o mesmo universo fenomenal como coletivo.

Tiramos uma foto de uma rua. Muitos vemos a foto e reconhecemos a mesma rua. Assim podemos montar uma linguagem comum como algo coletivo e compartilhado. O que nos une em nosso universo de fenômenos – mesmo que cada cérebro monte sua impressão própria daquela rua, que poderá ter diferentes significados para cada um dependendo da história da rua para cada

um (uma concepção bem Bergsoniana e Proustiana – onde a memória passa a ser fundamental para a percepção de um universo coletivo – mas sempre pessoal) - é a percepção de que aquilo é **uma rua – aquela rua.**

A ciência humana – como de qualquer organismo – está sujeita à subjetividade do que e do como percebemos e sintetizamos. A ciência depende do cérebro e ao mesmo tempo estuda o cérebro.

As partículas de de Broglie, como as ondas de de Broglie e a incerteza de Heisenberg nada mais são que percepções humanas de realidades desconhecidas que desenhamos na memória como partículas e ondas – e conseguimos nos comunicar com semelhantes através de uma linguagem.

Cada Universo dos Fenômenos existe no Passado sempre. Ele é a imagem guardada na memória, que guarda sempre o que é passado.

O Observador, subjetivamente vive sempre um AGORA construído no cérebro e integrado no cérebro. Por sua própria ontologia o passado é sempre percebido FORA do Observador, como distância. Nosso universo fenomenal como um todo se forma dessas imagens de passado que se guardam, e se sintetizam dinamicamente na memória e são vividas como AGORA.

Não é a toa que tanto em Mecânica Quântica como na Teoria da Relatividade, se define um sistema “próprio” – o sistema do Observador – o próprio Observador.

No AGORA só existem o Númeno e o Observador.

Nos universos múltiplos dos fenômenos, tudo existe como espaço, como distância, como passado com relação ao AGORA do próprio do Observador.

Cada universo dos fenômenos é passado medido em ângstroms ou em anos luz – mas sempre passado – como “espaço”. Medimos o passado próximo em ângstroms, micra, milímetros, metros, quilômetros. Mas o mais distantes medimos em tempo de passado – em anos luz. Sempre que medimos o espaço, medimos o tempo passado com relação ao Observador.

O espaço é a dimensão do passado, com relação ao agora do Observador. Nós percebemos o passado em 3 dimensões, e procuramos deduzir um passado de talvez 9 dimensões pela teoria das Supercordas – mas todo espaço é uma dimensão de PASSADO com relação ao AGORA do Observador.

A sensação de presente, de AGORA, se faz pela montagem de imagens dispositivas imediatamente passadas – vivemos num universo de percepções descontínuas – como percebeu Planck.

### 3. Atenção, Percepção e Formação de um AGORA.

No Universo Mental Individual cada Observador monta um “Agora”

Individualmente temos a sensação de vivermos no presente.

Essa sensação mental virtual é montada pelo passado imediato, em nossa OBSERVAÇÃO.

Observamos os fenômenos que nos cercam e estão a alguma distância de nós – no passado, num passado em 3 dimensões, e nossa atenção se fixa – COLAPSA – num ponto, depois em outro. O Observador colapsa a ATENÇÃO em uma situação por vez.

No Observador a atenção continuada é vivida como PERCEPÇÃO de um AGORA – mesmo que cada quantum de tempo já seja passado. A percepção leva à INTENÇÃO ou AÇÃO, no futuro imediato. Nesse sentido a fronteira percepção/intenção da ação - do passado imediato, através do AGORA para o futuro imediato se dá NO OBSERVADOR.

O que observa o Observador?

O passado do Númeno através das imagens de seu universo fenomenal – para que possa compreender em imagens dispositivas e sintetizar algo compreensível como AGORA. A partir dessa percepção pode NOMEAR, gerar linguagem – no sentido amplo. Como latidos, miados, o balançar de rabos, o mover de orelhas. Ou entre primatas humanos, palavras.

Na imagem fenomenal, quase tudo permanece inconsciente, existem inúmeras reações reflexas. Mas algo CHAMA A ATENÇÃO do Observador.

No Observador a ATENÇÃO COLAPSA em algo. O colapsar da atenção gera o PERCEBER CONSCIENTE, e o perceber PODE LEVAR À AÇÃO consciente, e à geração da intenção (vontade).

Para chamar a atenção, para que ela colapse e para que o Observador perceba, é necessária a mediação do Universo Fenomenal no Observador.

Com a mediação dos fenômenos percebemos, geramos nosso AGORA e agimos.

Percebemos nossa ação no universo fenomenal MAS AGIMOS SEMPRE NO NÚMENO. Nunca agimos no universo fenomenal – só em sonhos, ou na imaginação – quando a relação se dá entre Observador e fenômenos - apenas.

Justamente isso são os sonhos e a imaginação – a interação do universo mental individual com o dos fenômenos, sem ação no Númeno.

Assim, através das imagens passadas dos fenômenos, fixamos, colapsamos nossa atenção, percebemos e agimos imediatamente no futuro, no Númeno – o que imediatamente se torna passado entre os fenômenos.

O passado existe nos fenômenos.

O presente vivemos, passamos pelo universo mental, vivido pelo Observador como um AGORA – seja esse Observador humano ou bactéria.

Não sabemos como existe o Númeno.

O futuro só podemos imaginar, em nossa relação Mente-Fenômenos, sem atuação no Númeno – ou em parte, pontuada e descontinuadamente participando de sua criação, atuando no Númeno mesmo que percebendo que atuamos no universo de fenômenos.

Não podemos esquecer que, imediatamente após agirmos no Númeno, percebemos os resultados de nossas ações como fenômenos (como passado) no nosso universo de fenômenos (universo no espaço = no passado), humano ou bacterial, dependendo de quem somos como Observadores.

## O Colapso da Atenção

O Observador precisa colapsar sua atenção.

Uma leoa caçando.

Ela percebe, pelo odor, em parte pela visão, pelos sons, de alguma forma por seus sentidos NO SEU UNIVERSO FELINO DE FENÔMENOS, uma manada enorme, de zebras que se forma nela como imagem dispositiva conforme se formam nos felinos essas imagens.

Como num espaço de Hilbert, milhares de zebras estão perto dela, percebidas pelo seu modo felino de perceber zebras.

Ela está com fome, seus sentidos internos avisam e colapsam, conscientemente ou não, que estava com fome.

Ela percebe aquela nuvem de zebras, como uma enorme onda num espaço de probabilidades.

Com seu jeito felino de conhecer, ela COLAPSA SUA ATENÇÃO numa zebra.

Porque ela CHAMOU SUA ATENÇÃO? Por ser mais velha e cansada? Por estar isolada e mais desprotegida? Doente, machucada? Um filhote?

Não sei, não sou leoa para saber. E se fosse, não teria como explicar a primatas que parecem nunca nada perceber, que não sejam eles mesmos.

A partir de então, a manada de zebras passa a ser inconsciente para ela, nela a atenção COLAPSA numa zebra como PRESA.

Persegue a presa e a mata para comer.

Onde ela está? Onde ela percebeu a zebra e a matou e comeu?  
No NÚMENO.

Como ela pode perceber e colapsar sua atenção?

Pela mediação do UNIVERSO FELINO DE FENÔMENOS. Ela precisa desse universo mediador.

Como ela pode agir ?

Pela observação dos fenômenos felinos, PELO COLAPSAR DA ATENÇÃO numa zebra, e fixando essa atenção através do UNIVERSO DOS FENOMENOS felinos. Com a percepção da presa, a ação, imaginando agir no seu mundo fenomenal, age na realidade no Númeno e mata a zebra.

O mesmo acontece entre bactérias, jacarés e humanos. Em diferentes mundos fenomenais, com diferentes sensores e complexidades, diferentes Observadores, mas a mecânica é sempre a mesma.

As coisas acontecem na Mente Individual (no Observador – no sistema “próprio”), e no Númeno (no AGORA), e são percebidas como que no mundo Fenomenal que é um meio (percebido como espaço – e tempo no PASSADO), que media as ações entre a Mente Individual e o Númeno incognoscível.

Nesse sentido, os universos fenomenais coletivos são sempre uma linguagem, para todas as espécies – são a forma como cada espécie consegue LER O NÚMENO a sua maneira, e de forma compreensível para o Observador e seus semelhantes, como linguagem.

Onde está a realidade?

Em tudo e em nada ao mesmo tempo. A incerteza impera sempre, dada a impossibilidade absoluta do conhecimento completo – e certo - do Númeno.

O Númeno é real e incognoscível ao mesmo tempo.

Os Fenômenos são reais pois são a nossa melhor forma – para não dizer a única – que temos de conhecer alguma coisa do Númeno. Além disso são a forma que temos de poder compartilhar o que percebemos no Númeno com nossos semelhantes – como linguagem e como MUNDO – e com outras espécies.

O Universo Mental Pessoal é real, pois é a forma que qualquer organismo tem de AGIR (interferir – na realidade reagir), influenciando e atuando no Númeno.

**Qual a lógica, a geometria do Númeno?  
NÃO SEI E NÃO PODEMOS SABER.**

**Qual a lógica e a geometria do Universo Fenomenal Humano?  
O das teorias das Supercordas num futuro próximo (???) , ou pelo menos atualmente dos Campos Quânticos para as forças atômicas (“taste”), nucleares (“color”) e para as eletromagnéticas, e Relativistas para a gravitação.**

**E do Observador?**

**Esse é um espaço de Hilbert, de n dimensões, onde colapsa a Atenção num AGORA, de onde parte o fluxo de informações que determinam as Ações ou as Intenções.**

## Observação e Imagens Dispositivas => Linguagem

Sem a atenção não poderíamos perceber imagens dispositivas – imagens do nosso universo fenomenal.

Sem imagens dispositivas não poderíamos elaborar um código de sinais – de palavras ou de sinais de qualquer espécie.

A formação de imagens, o colapso da atenção sobre elas e a percepção advinda da atenção, permite o desenvolvimento de uma linguagem, seja corporal, falada, grunhida, miada ou latida. Ou mesmo das orelhas, dos rabos, das posturas, dos pelos, dos olhos. Para humanos, também de pinturas, de roupas, de modas, de comportamentos, de posturas, de educação. Das baleias jubarte, tão lindas. Dos elefantes. Das tartarugas, como uma tão linda que conheci em Chicago.

Eu lembro de um gatinho meu, muito sapeca. Éramos unha e dedo, mas ele era macho, vivia pelos muros e telhados, e vinha ficar comigo, dormia em minha cama, quando queria. Sua liberdade era total, tenho uma casa grande no Rio e ele ficava lá, era o dono da casa, do quintal e dos telhados e terreiros da vizinhança.

Passava temporadas fora e um dia não mais voltou. Certamente morreu, senão voltaria. Já fazem mais de 5 anos que desapareceu.

Quando voltava de suas aventuras noturnas, que geralmente não terminavam exatamente como ele queria, eu escutava seus resmungos de longe. Ele caminhava resmungando seus miados, muito rabugento. Até que me via. O miado mudava instantaneamente, deixando os resmungos e mostrando denego e carinho.

Ele falava, nós conversávamos. Ele muito mais inteligente do que eu, percebia no meu olhar o que eu queria, e eu dava tratos a bola para entender sua linguagem.

Essa linguagem mostra que ele formava imagens dispositivas mentais, na formação de seu mundo felino, e depois para a compreensão de sua atenção felina que colapsava na comida, na água, no som, na minha voz, no muro, no rato, no passarinho, na borboleta, no cheiro de fígado, no cheiro das gatas da vizinhança - principalmente.

Ele falava, ele via. Ele via, ele colapsava sua atenção, percebia e agia. Como nós.



Não na mesma medida, nem na mesma complexidade, nem talvez na mesma riqueza de imagens e dimensões. Certamente não com a mesma complexidade de auto reflexão e de reflexão para formar raciocínios. Mas certamente nada tão simples como ingenuamente talvez possamos imaginar.

Na nossa comunicação ele era mais inteligente que eu. Ele me percebia melhor do que eu o percebia.

Hoje em dia, por haver sido assaltada anos atrás, não tenho mais gatos, mas dobermans. Terríveis com os outros; cães, humanos e quaisquer seres vivos – mas nos amamos de paixão.

São um macho e 3 fêmeas.

A fêmea alfa – a única que pode ter ninhadas, pois eles criaram, com meu incentivo uma estrutura de alcatéia – temos o alfa, a alfa, a beta.

Ela teve mais uma ninhada – eu não agüentava mais cachorrinhos. Ela teve uns 10.

Sobreviveram 8.

Dois, meio sem querer ela mesma atropelou, sobraram 6.

Eu resolvi negociar esses 6. Viriam buscá-los no dia seguinte.

Na manhã, ao ver os cãezinhos, um está morto – atropelado pela matilha.

Vieram buscar os 6, entreguei com o devido acerto os 5. Ela me viu entregando-os, e me olhava.

Ficou o cadáver do mortinho, que eu sempre deixava para ela resolver – quando eram ainda pequeninhos e haviam acabado de desmamar com uns 2 meses.

Quando eu entro, ela está com o cadaverzinho na boca. Me dirigi para a porta da cozinha para entrar em casa, e ela atrás de mim. Parei na porta, ela sentada com o bichinho me olhando.

Entrei, depois sai de novo. Lá estava ela, pegou o bichinho e trouxe mais uma vez para mim.

Fez assim por uns 3 dias, e só aí eu compreendi. O cadaverzinho já estava pele e osso, e ela, era eu abrir a porta, ela o pegava e trazia para mim.

Com os olhos o que ela me dizia?

--- Só me sobrou esse. Você pode ressuscitá-lo para mim, por favor?

Cada vez que entre eles acontecia algum acidente, alguma coisa, um machucado, eu punha para dentro de casa o que carecia de cuidados e soltava depois curado.

Ela queria que eu pegasse o mortinho, imaginando que se ele entrasse, sairia vivo.

Conversamos muito. Eu expliquei para ela que eu não podia fazer nada por ele, que eles por acidente o mataram, e que eu nada poderia fazer. Depois dessa conversa de algumas horas, ela pegou o cadaverzinho, o levou para a terra, o deixou lá e nunca mais o trouxe para mim.

Coincidência?

Pode ser!

Ela forma imagens caninas mentais, eles têm uma linguagem bastante complexa por sinal, eles se identificam, eles colapsam suas atenções. Eles amam, eles sabem que são amados, têm ciúme.

Depois tem gente que pensa que cachorro não é gente. É sim, é gente, é pessoa. Não é coisa.

Apenas não são pessoas humanas.

Alguns humanos sim, às vezes parecem coisas.

## Quem tem linguagem, tem identidade complexa

Ou não tem?

Não existe uma “identidade lingüística”?

Para se formar uma linguagem são necessárias imagens dispositivas, e para se ter uma identidade complexa, linguagem e imagens dispositivas são necessárias.

Qualquer animal, qualquer mamífero pelo menos, tem uma linguagem.

Assim sendo, eles formam identidades complexas, certamente.

Por outro lado, mesmo sem identidades complexas todo Observador, só por ser Observador, tem uma identidade, pois vive uma subjetividade.

Só um EU pode observar. Certamente um Observador é “de per se” SUBJETIVO.

É impossível que um ser subjetivo que tenha a capacidade de observar, não se perceba um eu – mesmo que não reflita sobre esse eu.

## Universo Fenomenal Coletivo – pela Comunicação e pela Linguagem.

O universo fenomenal é formado no cérebro do indivíduo como imagens dispositivas, mas congrega como universo social uma multidão de indivíduos.

Como?

Cada indivíduo de mesma espécie percebe pelas imagens dispositivas geradas no seu cérebro, um mundo comparável ao de seus semelhantes, pois compartilham os mesmos sistemas. E dessas imagens derivam uma linguagem – um sistema de comunicação.

Cada espécie cria sua linguagem, e vive em seu mundo como uma coletividade com base nessa linguagem.

O mesmo entre humanos.

Vivo numa grande metrópole. A percebo com meu cérebro, pelas imagens formadas em meu cérebro, e tenho dois vizinhos. Eles também têm sistemas como o meu e formam imagens com base nos mesmos sistemas, e nos comunicamos. Temos muros comuns. Os respeitamos. O respeito deriva da comunicação, da linguagem. Existem escrituras e contratos, que como comunicação e linguagem precisam ser respeitados. E assim criamos o nosso mundo.

Compartilhamos exatamente as mesmas imagens de mundo?

NÃO SEI.

Não sei se meu verde é igual ao seu.

Não posso saber. Sei que definimos o verde da mesma maneira, a mesma frequência, imaginamos que DEVEM SER IGUAIS nossas percepções de verde. Mas não podemos ter certeza disso, como não sabemos certamente se o que percebemos é o Númeno ou apenas nossa imagem dele.

Somos Observadores virtuais únicos, e intransferíveis.

Como o Númeno é real e incognoscível.

A comunicação e a linguagem geram elos que nos permitem compartilhar o mesmo universo de percepções de fenômenos, mesmo que não possamos “entrar na cabeça dos outros” para termos certeza se percebem identicamente como nós.

Pela linguagem, e pela ciência por ela permitida, sabemos que compartilhamos o mesmo universo fenomenal, que vemos apenas com nossos olhos – mas sabemos comum pela linguagem que nos une.

## 4. Imprevisibilidade Individual – Probabilidade Coletiva

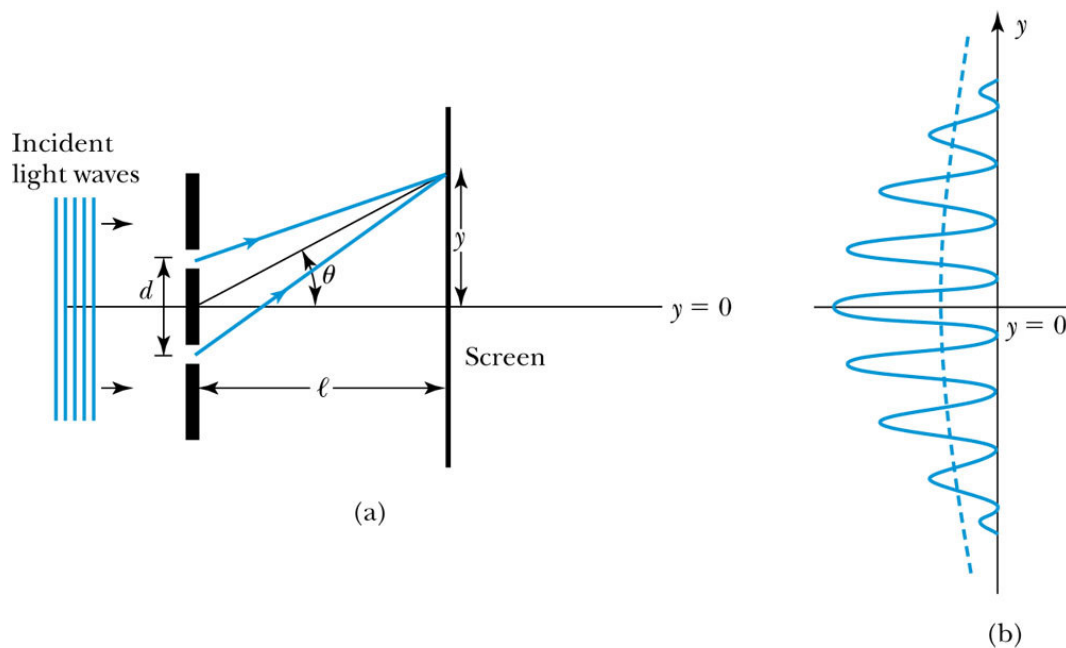
Foi exatamente essa mesma situação que viveram os grandes físicos do início do século XX que criaram a Mecânica Quântica.

Esse dilema eles viveram pela dualidade partícula/onda apresentada pela luz primeiro, pelo elétron depois, e em seguida por toda partícula.

Passando um feixe de fótons – pacotes elementares de luz por um ou dois orifícios, começou a tomar forma o mistério.

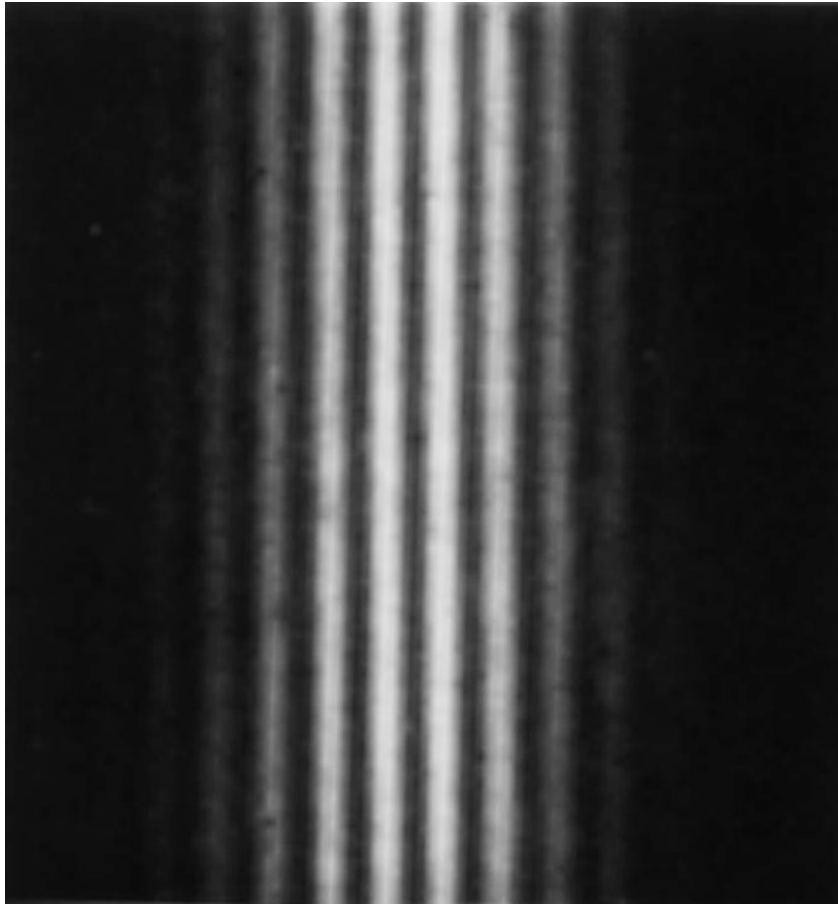
Se a luz fossem partículas, elas caminhariam em linha reta e cairiam mais ou menos uma em cima das outras

Se fossem ondas, elas difratariam de forma contínua, e imprimiriam essa assinatura numa placa fotográfica.



© 2006 Brooks/Cole - Thomson

Vemos que se forma o espectro de ondas na placa fotográfica, como mostrado a seguir.



© 2006 Brooks/Cole - Thomson

O caminho a ser seguido por cada fóton de luz é IMPREVISÍVEL.

Mas a coletividade dos fótons formam uma assinatura – um padrão de ONDA – mostrando o comportamento da “comunidade” que impressiona a película.

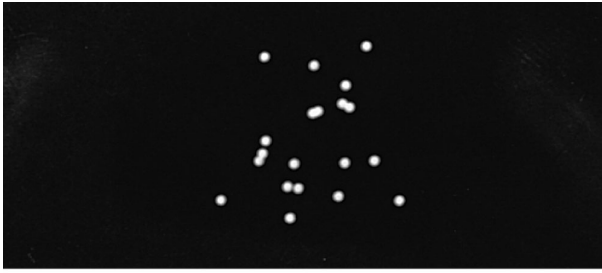
O INDIVÍDUO se mostra imprevisível – o sistema É CAÓTICO – mas a coletividade mostra uma ordem, uma ASSINATURA – a coletividade é determinística.

Como se forma a assinatura da coletividade?

Veja a seguir como ela se forma, fóton a fóton, cada um imprevisível – sendo o todo probabilisticamente inteligível através de sua ASSINATURA.

A primeira figura (a) mostra o impacto dos 20 primeiros fótons. Parecem desordenados e são imprevisíveis.

Mas com o acrescentar da coletividade de fótons... uma assinatura característica de uma difração de onda. Partícula individual, onda coletiva.



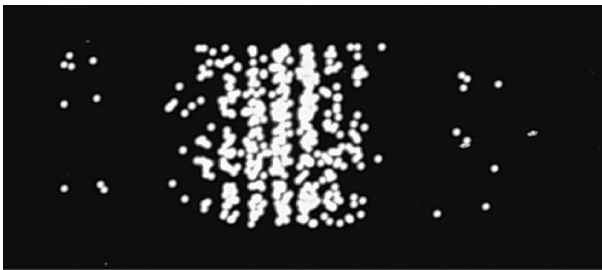
(a) 20 counts

© 2006 Brooks/Cole - Thomson



(b) 100 counts

© 2006 Brooks/Cole - Thomson



(c) 500 counts

© 2006 Brooks/Cole - Thomson



(d) ~4000 counts

© 2006 Brooks/Cole - Thomson



## 5. Por Isso a Avaliação de Variância de Gênero pela Web é Possível

Não é alucinação, é isso mesmo.

Pessoas são como fótons, quando consideramos o desenvolvimento da identidade de gênero – elas são individualmente imprevisíveis – como os fótons, os elétrons, as partículas.

Mas a coletividade é mais simples que cada indivíduo – ela apresenta assinaturas, padrões – que podem ser reconhecidos e identificados.

No caso de Young e das duas fendas, entre muitos outros experimentos no século XX, foram identificadas assinaturas ondulatórias, de difração, pela coletividade dos elétrons, fótons, etc..

Por outro lado, identificamos distribuições e assinaturas no espaço de fase onde se desenvolve a identidade de gênero.

Os dados experimentais eles conseguiram nos laboratórios, com partículas. Nós conseguimos pela Web, avaliando pessoas.

## Sugestão para Aprofundamento nos temas:

De Broglie, L. --- *Nouvelles Perspectives em Microphysique (1956)* --- Flammarion 1992;

Guitton, J; Bogdanov, G; Bogdanov, I --- *Deus e a Ciência (1991)* --- Nova Fronteira 1993;

Heisenberg, W. --- *The Physical Principles of the Quantum Theory (1930)* --- Dover 1949;

Heisenberg, W. --- *Fisica e Filosofia (1958)* --- Universidade de Brasília 1981;

Itzykson, C. & Zuber, J-B --- *Quantum Field Theory (1980)* --- Dover 2005;

Korn, G. A. & Korn, T. M. --- *Mathematical Handbook for Scientists and Engineers (1961)* --- Dover 2000;

Lorentz, H. A.; Einstein, A.; Minkowsky, H. --- *O Princípio da Relatividade (1948)* --- Fundação Calouste Gulbenkian 1971;

Naber, G. L. --- *The Geometry of Minkowsky Spacetime* --- Dover 1992;

Ney, E. P. --- *Electromagnetism and Relativity (1962)* --- Harper 1965;

Novikov, I. --- *Os Buracos Negro e o Universo* --- Elfos 1990;

Pauli, W. --- *Wave Mechanics (1977)* --- Dover 2000;

Penrose, R. --- *Shadows of the Mind – A Search for the Missing Science of Consciousness* --- Oxford University Press 1994;

Penrose, R. --- *The Emperor's New Mind (1989)* --- Oxford 1999;

Penrose, R. --- *The Road to Reality* --- Vintage 2007;

Prugovecki, E. --- *Quantum Mechanics in Hilbert Space (1981)* --- Dover 2006;

Shankland, R. S. --- *Atomic and Nuclear Physics* --- MacMillan 1955;

Slater, J. C. & Frank, N. H. --- *Electromagnetism* --- McGraw-Hill 1947;

Wentzel, G. --- *Quantum Theory of Fields (1942)* --- Dover 2003.

Rssa lista pode ser muito aumentada com obras de Stapp, Bohm, mais obras de De Broglie, também de Einstein, Bohr, Von Newman, entre muitos outros.

Entre em contato conosco. Será um prazer discutir, trocar idéias e comentários sobre esses assuntos, da Relatividade aos Campos Quânticos, Cordas e Supercordas, a ontologia da onda dupla de De Broglie é fascinante.

Estamos sempre abertos ao diálogo, na física como na sexologia, na psicologia Jungiana e na neuropsicologia, na neurobiologia e nas teorias da mente e da consciência – e particularmente quanto a variâncias de gênero por um lado, e as dualidades mente/matéria e onda/partículas de outro.

Obrigada.

Dra.Torres, Ph.D.  
Gendercare.com